

## ESTUDOS CULTURAIS: PROPEDÊUTICA, RIVALIDADES E PERSPECTIVAS

*Luciano Rodrigues Lima\**

### **RESUMO:**

Este estudo, com características propedêuticas e pedagógicas, em linguagem simples, enfoca as questões históricas, teóricas e metodológicas dos Estudos Culturais, e suas relações com as disciplinas acadêmicas tradicionais. Focaliza ainda, de modo mais detalhado, os conflitos e incompreensões existentes, atualmente, entre a Teoria da Literatura e os Estudos Culturais, demonstrando que melhor seria a Teoria se aliar aos Estudos Culturais, identificando-os como uma possibilidade a mais para o estudo da literatura do que os rejeitar e isolar-se em uma abstração estéril. Por fim, discutem-se as perspectivas dos Estudos Culturais e sua inserção no mundo contemporâneo através do seu comprometimento com a mudança social e com a “diferença”, aqui na concepção derridiana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Levisianismo. Nova esquerda. Estudos culturais. Mudança social. Diferença.

### **1 Propedêutica**

Atualmente, é incontestável a penetração dos Estudos Culturais no meio acadêmico brasileiro. Há ainda, entretanto, muita desinformação. Os Estudos Culturais tanto assustam quanto entusiasma; para alguns, a panaceia de todos os males epistemológicos; para outros, terra de ninguém, sem rigor científico e sem método. Áreas de estudos tidas como “consolidadas” nos tempos do mais duro estruturalismo, por terem desenvolvido um método, uma teoria e uma abordagem, a exemplo dos Estudos Literários, da Sociologia, da Antropologia, dos Estudos de Comunicação e de Mídia, da Linguística e da História, enfrentam a concorrência dos Estudos Culturais. Esse assédio, entretanto, parece ter surgido das próprias insuficiências, limitações e distorções dessas disciplinas, resultantes da arrogância e da inocência do método estruturalista.

---

\* Professor do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia. Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia.

O mundo, nos últimos sessenta anos, parece ter mudado mais rapidamente do que nos dois milênios anteriores. Essa insólita transformação revelou a incapacidade dos conceitos e métodos estruturalistas de explicar, descrever e avaliar tamanha mudança.

O estruturalismo tornou-se presa do seu próprio formalismo paralisante e sucumbiu na tentativa de apreender o dinamismo do objeto. Abre-se, então, o espaço para um campo de estudos interdisciplinar – ou mesmo indisciplinar – de perspectiva crítica e revolucionária, cujo objeto de estudo é a dinâmica cultural em suas relações internas e externas, em interação com as novas tecnologias e os saberes contemporâneos, não mais fundamentados na pretensa neutralidade da ciência, mas na ética da diferença e na mudança social.

Os Estudos Culturais originam-se na Inglaterra, nos anos 1950. Naquela época, a “Nova Esquerda” britânica debatia-se com as contradições do marxismo ortodoxo e buscava ampliar a agenda temática da análise marxista para além das questões meramente economicistas. O clamor das feministas, o protesto dos grupos étnicos, nada disso cabia nas discussões marxistas. Tratava-se de um novo tipo de revisionismo, não mais político, mas agora cultural, de modo a fazer frente aos desafios de uma sociedade em processo de ruptura com as tradições, em que a juventude preferia ouvir os sons das guitarras aos velhos clichês marxistas. Sobre esse momento, Richard Johnson aponta:

Na história dos Estudos Culturais, os primeiros encontros foram com a crítica literária. Raymond Williams e Richard Hoggart, de modos diferentes, desenvolveram a ênfase leavisiana na avaliação lítero-social, mas deslocaram-se da literatura para a vida cotidiana. Ocorreu um processo similar de apropriação relativamente à disciplina de História. O momento mais importante, aqui, foi o desenvolvimento das tradições da História Social, no pós-guerra, com seu foco na cultura popular ou na cultura do povo, especialmente sob suas formas políticas. Foi fundamental, neste caso, o grupo de historiadores do Partido Comunista, com seu projeto – dos anos 40 e início dos anos 50 – de historicizar o velho marxismo, adaptando-o, ao mesmo tempo, à situação britânica. (JOHNSON, 1999, p. 10-11)

Acompanhando o objetivo pedagógico deste trabalho, abro breves parênteses para explicar o termo “leavisiana”, que aparece na citação de Richard Johnson. O termo vem de Frank Raymond Leavis, crítico inglês que propôs um método de análise literária baseado nas opiniões empíricas dos leitores comuns, e não em aspectos intrínsecos e estruturais do próprio texto

literário. Raymond Williams, ao valorizar uma análise “leavisiana”, isto é, uma crítica literária baseada na recepção social das obras, estava reatando os laços entre a literatura e a vida. Deve-se, contudo, distinguir a essência das propostas de Leavis, isto é, defender a leitura de grandes escritores da Inglaterra e estudar neles a crítica à sociedade inglesa, como em D. H. Lawrence, por exemplo, e as posições de Raymond Williams, ligadas aos English Studies. Leavis detratava a cultura de massa e alinhava-se com um elitismo literário, enquanto Williams revoluciona o conceito de ensino de literatura, ao ir buscar o conceito de “englishness” (anglitude) na cultura popular.

Armand Mattelart e Érik Neveu, em *Introdução aos estudos culturais*, ressaltam a importância de quatro “patriarcas” dos Estudos Culturais: Raymond Williams, Richard Hoggart, Edward P. Thompson e Stuart Hall. Thompson, talvez o menos conhecido no Brasil, é um dos fundadores da revista *New Left Review*, juntamente com Raymond Williams e, como este, também estava ligado à educação de adultos. Thompson refere-se a um “verdadeiro silêncio” na obra de Karl Marx com relação às mediações do tipo cultural e moral. Seu trabalho mais conhecido é *The making of the English working class*, de 1963.

Mas os Estudos Culturais, em seus aspectos teóricos, às vezes esbarram de volta nos conceitos de Marx e, outras vezes, em vozes do século XX, como os filósofos da Escola de Frankfurt. Deles os Estudos Culturais absorveram elementos da “teoria crítica”, principalmente de pensadores como Max Horkheimer e Theodor Adorno, os quais se preocupavam com relevantes aspectos da indústria cultural. Em um artigo intitulado “The cultural industry as mass deception”, Horkheimer e Adorno demonstram como a indústria cultural (o rádio e o cinema, por exemplo) atendem à cultura e à ideologia dominantes, isto é, como os filmes de Hollywood estão subordinados à grande indústria de petróleo, aço e automóveis, ou seja, veiculam uma estética e um viver que fomentem o consumo de produtos dessa grande indústria. Horkheimer e Adorno questionam, ainda, a democratização da indústria cultural alardeada no mundo capitalista do pós-guerra. Esse agudo viés crítico da escola de Frankfurt associado a um dos conceitos fundamentais da teoria crítica, isto é, o uso de elementos da filosofia (como a linguagem filosófica) de modo acessível ao homem comum para promover a desalienação das massas, irá instrumentalizar os Estudos Culturais.

Um segundo momento histórico nos estudos culturais é a sua inserção no mundo acadêmico. Isto se dá, de modo mais sistemático, a partir da fundação do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, da Universidade

de Birmingham, Inglaterra, entre os anos de 1963 e 1964, coordenados por Richard Hoggart e Stuart Hall.

O Centro desenvolveu uma série de abordagens para a análise, interpretação e crítica dos artefatos culturais. Através de uma série de debates, o Centro preocupou-se com representações e ideologias de classe, gênero, raça, etnia e nacionalidade em textos da mídia, principalmente nos veículos de penetração popular, de modo a descrever as reações, opiniões e respostas desse público.

Outras matrizes teóricas dos Estudos Culturais britânicos parecem um tanto contraditórias, como a influência de Louis Althusser. O althusserianismo parece penetrar nos estudos culturais através de uma velha tradição filosófica e abstrata dos intelectuais britânicos. Isto contrasta com a proposta básica dos Estudos Culturais que é trabalhar no plano concreto, isto é, no plano da vida, sem a filiação a um modelo teórico *a priori*. Outro dado contraditório, nessa fase dos estudos culturais, é a apropriação do pensamento de Antonio Gramsci. Na Itália, Gramsci está associado à ortodoxia marxista, mas nos Estudos Culturais ele está associado à heterodoxia crítica. O pensamento de Gramsci está presente em diversos textos de Stuart Hall, como em “The rediscovery of ideology”, em que ele aproveita o conceito de “inventário do senso comum”. Gramsci influencia ainda os Estudos Culturais com a sua ideia de “intelectual orgânico”, o qual deveria preocupar-se em difundir o seu conhecimento para as classes populares. Isto confere aos Estudos Culturais um certo aspecto de militância cultural e de resistência cultural. Em última análise, os Estudos Culturais necessitam mesmo de um certo aparato teórico para realizar competentemente a crítica ao capitalismo.

## 1.1 Conceito de cultura

Os Estudos Culturais não criaram o conceito de cultura, mas puseram-no no centro. Talvez tenham deslocado o conceito de classe social, do marxismo ortodoxo, para entronizar a cultura. Daí, a cultura ser vista pelos Estudos Culturais como o campo de batalha das questões de poder. Alguns críticos veem aí a substituição da luta de classes pela luta de culturas, mas isto pode ser uma simplificação perigosa. Novos dados são agregados nas análises dos Estudos Culturais, às vezes entrecruzados, como idade, gênero, etnia, opção sexual, os quais não estavam absolutamente na agenda do marxismo ortodoxo.

Raymond Williams opera com uma divisão de cultura em: cultura dominante e cultura emergente (e ainda pré-emergente), discutindo suas

tensões, mas nunca as separando totalmente. O seu conceito de cultura é, portanto, dinâmico. Uma característica dos Estudos Culturais, *lato sensu*, é a de nunca perder de vista o conteúdo político das manifestações culturais, da indústria cultural e do consumo de produtos culturais. Fredric Jameson, em *Cultural logic of late capitalism*, vê a produção, a troca, a promoção e o consumo das formas de cultura (a publicidade, a TV e os meios de comunicação de massa em geral) como um foco central da atividade econômica, atualmente. Considera, ainda, que imagens, estilos, representações não são acessórios promocionais de produtos econômicos, mas produtos em si. Assim, a tecnologia da informação se torna a mercadoria mais importante no “capitalismo tardio”. Esse viés político-econômico da análise dos fenômenos culturais se dá através da associação entre cultura e poder, como um campo de luta em torno da significação social e da diferença, pois as culturas estão permanentemente em busca de espaço para se afirmar, sobreviver ou para se impor.

Como um desdobramento do conceito de cultura, surge um outro: o de identidade cultural. Controverso, o conceito de identidade cultural tem evoluído, nos Estudos Culturais, para algo cambiante, processual, múltiplo, dinâmico e mesmo eventual, aqui no sentido Heideggeriano de evento. Alguns autores concebem a identidade cultural como algo tão fragmentado que melhor seria vê-la como uma série de identificações.

Alguém pode, por exemplo, em Salvador, tomar o café da manhã no McDonald’s, almoçar no China in Box e jantar um caruru de São Cosme, na casa de um devoto amigo. O que é, então, a “baianidade”? O conceito de identidade cultural tradicional pode, portanto, facilmente resvalar para o de estereótipo cultural.

## 2 Problemática

### 2.1 Os Estudos Culturais e os outros saberes: guerra de fronteiras

Os Estudos Culturais não se consideram uma disciplina acadêmica, nem uma linha de pesquisa científica, nem tampouco uma vertente estética ou política específica. Eles se constituem nos interstícios das disciplinas tradicionais e das emergentes, possui mobilidade teórica e fluidez metodológica. Os Estudos Culturais rejeitam os modelos teóricos, pois estes, em sua abstração, se distanciam dos contextos sociais que os geraram de tal modo que não mais se reconhecem a sua origem e a sua utilidade. A mobilidade dos Estudos Culturais começa pelo próprio conceito de cultura. Reconhece-

se que é inútil defender um conceito único e estável de cultura, quando se sabe que nenhum termo escapa às armadilhas semânticas, à polissemia e às referências históricas. O conceito de cultura, embora central para os estudos culturais, estará sempre em construção. Assim, o campo de ação dos Estudos Culturais estará permanentemente em transformação e, por conseguinte, os próprios Estudos.

Os Estudos Culturais não são uma nova filosofia, tampouco uma anti-filosofia. Os estudos culturais seriam uma prática da crítica à filosofia, assim como o desconstrutivismo e a teoria crítica. São estratégias de leitura e não adotam perspectivas teórico-críticas da filosofia tradicional. Os Estudos Culturais tiram partido da filosofia, da estética, da linguística, mas se recusam a assumir uma postura disciplinar institucional, oficial ou canônica.

### 2.3 Uma metodologia emprestada?

Os Estudos Culturais não nascem por geração espontânea. Os primeiros trabalhos do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, publicados em um compêndio em 1980, por Stuart Hall e outros, possui um forte viés etnográfico, com a utilização da observação participante da antropologia cultural. Certamente, a etnografia utilizada pelos culturalistas difere bastante dos manuais de etnografia clássica de Marcel Mauss. Vejamos, através de um exemplo, como os Estudos Culturais abordam as manifestações culturais do nosso tempo. Ien Ang produziu e publicou, em 1982, um estudo denominado “Watching Dallas: soap operas and the melodramatic imagination” (Assistindo Dallas: as novelas de TV e a imaginação melodramática). O estudo consistia em observar o prazer dos telespectadores da série de TV, em 42 cartas-resposta a um anúncio colocado na revista feminina holandesa *Viva*. A pergunta contida no anúncio era: “Vocês gostariam de me escrever contando por que ela também lhes agrada, ou por que não lhes agrada? Pretendo incorporar as resposta a minha tese universitária.” Assim são os temas e os métodos dos Estudos Culturais: cotidianos, de interesse geral, em linguagem acessível, sempre incluindo as vozes dos sujeitos de pesquisa, nunca silenciando-as.

### 2.4 Teoria da Literatura e Estudos Culturais: ainda a rivalidade?

A Teoria da Literatura é uma disciplina em crise. O fato de estar em crise, para uma disciplina teórica, não seria algo de grande monta. Poderia ser a oportunidade de se repensar, de renovar-se e reencontrar o seu espaço

no pensamento acadêmico. Mas a crise da Teoria da Literatura é mais profunda, pois se associa à crise da teoria, da própria teorização, em qualquer área. O nosso tempo parece ser o das ciências aplicadas e das abordagens funcionais. O conceito sobre o objeto está sob suspeita, pois as coisas não “são” assim, mas “estão” assim, em permanente mudança. Conceituar é, portanto, arriscado. Estamos mais interessados, hoje, em saber como as coisas funcionam, isto é, como elas nos parecem, em sua relação cotidiana, prática e utilitária. A contemporaneidade é a glória do pensamento de Epicuro, isto é, das coisas em si, como parecem aos nossos sentidos, sem uma essência insondável oculta. É a hora e a vez do simulacro e não mais das essências platônicas.

Desde *A resistência à teoria*, de Paul De Man, publicado em 1989, a Teoria desce do seu pedestal de detentora da chave para a definição, leitura e interpretação do texto literário, e reconhece suas limitações, seus excessos e sua quase inutilidade, em um tempo onde mais interessa a prática crítica do leitor comum. Antoine Compagnon, em *O demônio da teoria: literatura e senso comum*, tenta salvar os dedos ainda que perdendo os anéis. Designa um papel, ainda que modesto, para a Teoria da Literatura, que seria o de estudar os fundamentos da literatura, como natureza, função e gêneros, ficando a cargo da “Teoria Literária” discutir os temas teóricos e praticar o debate sobre a própria Teoria da Literatura. A Crítica Literária se encarregaria de comentar os textos propriamente literários.

Nos anos 1960 e 70, no auge do autoritarismo estruturalista, conceitos como o de “literariedade” e de “estranhamento”, retirados do Formalismo Russo, respectivamente de Roman Jakobson e Vitor Chklovski, eram uma espécie de trunfo da Teoria da Literatura, pois isto definia o que era o literário e, por conseguinte, tudo o que não era literário. Era fácil, então, desqualificar qualquer narrativa, poema, produções em gêneros e formas mistas como não literários, como sublitteratura, literatura de massa, comercial etc. Tal preconceito, no fundo, era uma discriminação aceita, na época, contra a literatura das classes populares. O povo, se quisesse ter literatura, isto é, produzir ou ler literatura, teria, absurdamente, que ler antes os compêndios formalistas-estruturalistas para “saber” o que é literatura. Conto, para ilustrar, um episódio dos meios acadêmicos desse tempo de furor formalista, que não presenciéi, mas ouvi o relato. Em uma reunião acadêmica de uma universidade baiana, um professor de literatura sugeriu a criação de um seminário para discutir a obra de Jorge Amado. Uma colega discordou, argumentando que Jorge Amado não era um escritor literário e o seminário foi abortado ali mesmo. Nos anos 1970, para os meios universitários brasileiros,

Jorge Amado seria algo como Paulo Coelho, (guardadas as diferenças temáticas, estilísticas e ideológicas) hoje. Como seria a reação, atualmente, se alguém propusesse a criação de um seminário para estudar Paulo Coelho? Deixo ao leitor o julgamento sobre se realmente mudamos em todos esses anos.

Terry Eagleton, em seu livro *How to read a poem*, observa que os Estudos Culturais emergem justamente no fértil terreno abandonado pela crítica literária, ou seja, o estudo das relações entre a literatura e a vida. Por que, então, ressentimentos dos teóricos da literatura em relação aos culturalistas? Mais proveitoso seria, para a Teoria da Literatura, após a dolorosa *mea culpa*, reconhecer os Estudos Culturais como uma área emergente e necessária para o conhecimento da cultura popular – música, poesia, TV, rádio, jornal, arte de rua, hip hop, funk, cinema, internet – do que ser o teórico de um mundo caduco. Fecho essa parte, com outro breve relato de um episódio da vida acadêmica, que presenciei, este em 2009. Em uma reunião sobre linhas de pesquisa de um programa de pós-graduação *stricto sensu*, uma professora envolvida e comprometida com pesquisas sobre temas ligados à mulher negra no Brasil, ao perceber que alguns dos seus colegas defendiam algumas propostas semelhantes aos estudos de cunho teórico, abstrato e formalista, levantou a sua voz, indignada: “Não quero voltar aos tempos em que se falava e não se dizia nada. O passado nunca mais.”

### 3 Perspectivas

Como disse anteriormente, vivemos em um tempo mais epicurista que platônico. Assim, o despojamento teórico dos Estudos Culturais pode ser visto mais como maturidade do que como descaso ou desconhecimento teórico. Janice Radway, em um artigo intitulado “Reading the romance” (“Lendo o romance”), sendo a palavra *romance* aqui o próprio livro e não o clima de envolvimento sentimental, como normalmente se usa em inglês, discute o tema da mulher lendo o romance. Sendo um artigo sob a proposta dos Estudos Culturais, com um viés feminista, ela tanto discute o dentro, isto é, o que contêm os romances que as mulheres liam e leem, e o fora, ou seja, a mulher sentada em sua casa, com um romance nas mãos. Janice Radway aponta uma contradição. Embora ler o romance seja para a mulher, segundo ela, um ato de oposição, pois ela deixa os afazeres monótonos da casa e mergulha em um outro mundo, os conteúdos dos romances são, tradicionalmente, patriarcais. A autora, então, aproveita a própria prática para teorizar e diz que isto demonstra que as ações humanas são sempre



complexas e que a cultura é, ao mesmo tempo, oculta e visível. No artigo em pauta, o objetivo de Janice Radway era saber o que as mulheres pensam estar ganhando ao lerem romances e as implicações disso. Nas conclusões, a autora adverte que devemos estar atentos a uma minoria de pessoas insatisfeitas com a cultura massificada imposta e que buscam satisfação em leituras alternativas, como uma forma de sobrevivência do próprio eu. Em outras palavras, em um mundo consumista que não incentiva o ato plácido da leitura, muitas pessoas ainda se opõem a isto e leem. Assim, elas realizam um ato de resistência cultural pela preservação de um público leitor.

Dessa maneira, os trabalhos em Estudos Culturais voltam-se não apenas para os aspectos intrínsecos da literatura, mas também para seus aspectos sociais, humanos, psicológicos e culturais, observados no momento da leitura, que é quando o texto encontra a vida. Ao mesmo tempo em que discute a obra, o gênero romance, o artigo de Radway discute a sociologia da leitura, sob o ponto de vista feminino-feminista, que é uma outra inovação.

Que perspectivas se abrem, então, para os Estudos Culturais? Quais são seus riscos? Começemos pelos riscos. O maior deles seria a assimilação como uma disciplina acadêmica e ideologicamente institucional. Contra isso Stuart Hall tem clamado em diversos trabalhos e declarações. Isto tornaria os Estudos Culturais não uma alternativa, mas uma imposição. E isto faria deles uma disciplina autoritária. O outro risco, enquanto discurso crítico da cultura, seria o de abster-se de promover a autocrítica. Isto levaria à cegueira das próprias limitações e contradições, integrantes de qualquer discurso, tangenciando a arrogância. Os Estudos Culturais têm que admitir sua condição alternativa, sua constituição espectral no mundo das disciplinas estabelecidas, sua indefinição e incompletude. Eles podem, devido a sua natureza interdisciplinar e sua metodologia heterodoxa, resolver problemas em que as disciplinas tradicionais encontram entraves. Mas não devem os Estudos Culturais pretender substituir ou eliminar essas disciplinas, pois com isto assumiriam, também, todo o seu ônus e a maldição de se estar assentado em um território definido. Sua sobrevivência depende de manter a sua condição de eterno migrante.

Suas perspectivas futuras são amplas, pois os Estudos Culturais se nutrem da seiva da cultura popular, não olham com afetação a cultura de massa, possuem uma agenda ética voltada para a mudança social, operam com desenvoltura no mundo novo da diferença e consideram fundamentais as reivindicações das minorias étnicas, raciais, religiosas, linguísticas, de gênero, de opção sexual, de idade, de renda etc. A menos que a humanidade

retroceda em suas conquistas e seus sonhos de igualdade, tolerância e fraternidade, os Estudos Culturais poderão desempenhar um papel relevante na compreensão e na interpretação dos novos e vertiginosos fenômenos sócio-culturais que desnor-teciam as disciplinas tradicionais.

**ABSTRACT:**

This study, with propaedeutic and educational characteristics, in simple language, focuses on historical issues, theoretical and methodological approaches of Cultural Studies, and its relations with the traditional academic disciplines. It focuses, also, in more detail, the conflicts and misunderstandings existing currently between the Literary Theory and Cultural Studies showing that it would be better for the Theory to be allied to Cultural Studies, identifying them as one more possible tool for the study of literature than to reject them and isolate itself in a sterile abstraction. Finally, we discuss the perspectives of Cultural Studies and its insertion in the contemporary world through its commitment to social change and the difference, here in the derridian conception.

**KEYWORDS:** Levisianism. New leftwing. Cultural studies. Social change. Difference.

**Referências**

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

EAGLETON, Terry. *How to read a poem*. London: Blackwell, 2008.

JAMESON, Fredric. *The postmodernism, or cultural logic of late capitalism*. United States: Duke University Press, 2003.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, estudos culturais? In: SILVA, Thomas Tadeu da. Org. *O que é, afinal, estudos culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 9-131.

MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. *Introdução aos estudos culturais*. São Paulo: Parábola, 2004.

MAN, Paul De. *A resistência à teoria*. Lisboa: Edições 70, 1989.

RADWAY, Janice. Reading the romance. In: RYAN, Michael; RIVKIN, Julie. Ed. *Literary theory: an anthology*. London: Blackwell, 1999. p. 1042-1049.